

LEONARDOS, Ana Cristina. **Opportunities to learn academic Skills in the Brazilian public schools: a comparative case study.** Stanford, 1990. Tese (Doutorado) - Stanford University, 1990.

Há algum tempo atrás, tentava-se organizar um seminário que discutisse, com objetividade e competência, a questão das escolas de atendimento integralizado e/ou em jornadas estendidas, surgidas como grande inovação para solver os problemas da educação básica em nosso país. Uma das dificuldades, contudo, era encontrar quem analisasse os casos concretos sem *parti-pris*: como é usual, a maior parte dos possíveis expositores se colocava "a favor" ou "contra" por alguma razão liminar.

Exatamente então surgiu a informação de que uma pesquisadora da UFRJ, recém-doutorada em Stanford, trazia uma tese em que se avaliava a experiência de um CIEP comparada à de uma escola pública convencional. Uma primeira leitura do relatório foi suficiente para colocá-la como uma das exposições principais do seminário.

Sustentavam este bom êxito da pesquisa uma sólida base teórica e conceitual - construída, *comme il faut* sobre sutis controvérsias dentro de uma mesma vertente de teorias sobre as tensões escola-sociedade - e uma rigorosa demarcação metodológica, envolvendo etnografia/pesquisa qualitativa, estudo de caso e *"cross-site analysis"*.

Partindo de críticas internas às bases originais das teorias da privação cultural e da reprodução e de críticas externas às suas possibilidades de compreensão de situações educacionais concretas, elege-se o caminho da articulação dos avanços das análises da "resistência" cultural e das tensões societárias entre a propensão das relações de produção à manutenção/reprodução das desigualdades e a dos prospectos democráticos a superá-las - com os avanços da consideração do potencial de *empowerment* contido em processos educativos dispostos a emancipar os grupos sociais pobres. Aceita-se, deste modo, a hipótese de que as "escolas incorporam tensões societárias e, por isso, trazem embutido um potencial para a mudança".

Isto posto, trata-se de elucidar quais elementos estruturais das relações

educativas intra-escolares e das escolas com sua clientela ativam este potencial ou o inibem/anulam. Ou seja, que modos de ser de diferentes escolas conduzem a ampliar e realizar oportunidades de adquirir competências acadêmicas que, à sua vez, medeiam a exploração de outras possibilidades de emancipação.

Examinando as dimensões (currículo/pedagogia e relações escola/comunidade) a partir das quais diferentes padrões de escola procuram construir estas oportunidades, a autora compara num mesmo sítio cultural os modos de ser de um CIEP (de primeira geração - já que o "modelo" sofre diferenciações à medida que se implementa) e de uma escola pública convencional.

Procura, então, verificar se, ao cabo, esta última tende a ser redutiva no conteúdo e fragmentadora na estruturação do conhecimento, ao atuar "transmissivamente" na relação docente e excludentemente na relação escola-comunidade. Com o que procede à inibição/anulação daquele potencial emancipador da escola, ao minimizar as oportunidades de aquisição de competências acadêmicas. E se ao procurar ser aditivo e integrativo o plano curricular do CIEP proporciona maior densidade de interação/participação nas relações intra-escolares e entre escola e comunidade, levando a maior capacitação (*empowerment*) na apropriação daquelas oportunidades.

Como esperado, os achados não correspondem *in totum* ao desenho típico-ideal. Mas sem dúvidas o validam. "Na escola pública convencional, se constata que os estudantes recebem um programa educacional pobremente definido, que tende a restringir/confinar suas aptidões e competências, mantendo, por esta via, suas estritas oportunidades de vida." Atuando com clientelas similares, o CIEP lhes oferece, diferentemente, "um largo espectro de experiências educacionais que tende a capacitá-los (*empowering*), expandindo suas aptidões e, desse modo, ampliando suas futuras oportunidades na vida".

Muito mais do que às suas óbvias vantagens infraestruturais e de organização (e malgrado sua debilidade nas relações com a comunidade), os melhores resultados substantivos que este CIEP alcançou devem ser

creditados ao fato de que sua ideologia escolar é compartilhada e praticada por seus quadros e sua prática é estreitamente articulada por sua filosofia construtivista e progressiva. Ao passo que o espontaneísmo e a falta de clareza de propósitos imperam na escola comum. "Em consequência, as diferenças observadas parecem resultar de um efeito combinado da estrutura organizacional de cada escola e de suas ideologias implícitas e professadas."

Os CIEP não constituem, vê-se hoje, um conjunto homogêneo de escolas. Mudaram sob um mesmo comando político e mais ainda sob orientações políticas distintas. Como também vêm mudando escolas públicas convencionais. Estes experimentos, sob formas diversas, mostram que a instituição escolar pode tender a ser democrática e contribuir em o sendo para ampliar oportunidades de vida.

Uma prova das possibilidades de mudança - que nos persuade de que elas devem ser tentadas e estimuladas - se contém em pesquisas rigorosas e conduzidas com paixão e razão. Como esta da professora Ana Cristina Leonardos.

Resta contar que, no aludido seminário, gregos e troianos se satisfizeram com suas observações, interpretações e achados. O equilíbrio e sobriedade com que foram avaliados tanto as virtudes quanto os defeitos das concepções, desempenho e resultados daquele CIEP de primeira geração e daquela "escola pública convencional" levaram, como era necessário, a uma discussão competente e objetiva da questão.

Divonzir Arthur Gusso  
Diretor do INEP  
Economista do IPEA